



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CURSO: LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

DAIANE GOMES DA SILVA

**QUILOMBO CAIANA DOS CRIoulos, EM ALAGOA GRANDE-PB:
TERRITORIALIDADES E OS MODOS DE VIDA EM COMUNIDADES.**

CAMPINA GRANDE – PB

2016

DAIANE GOMES DA SILVA

**QUILOMBO CAIANA DOS CRIoulos, EM ALAGOA GRANDE-PB:
TERRITORIALIDADES E OS MODOS DE VIDA EM COMUNIDADE.**

Artigo apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof.Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos

CAMPINA GRANDE – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586q Silva, Daiane Gomes da
Quilombo Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande-PB
[manuscrito] : territorialidades e os modos de vida em comunidade
/ Daiane Gomes da Silva. - 2016.
32 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Agnaldo Barbosa dos Santos, Departamento de
Geografia".

1. Quilombo - Caiana dos Crioulos 2. Desenvolvimento
Tecnológico 3. Globalização 4. Manifestação Cultural I. Título.
21. ed. CDD 305.8

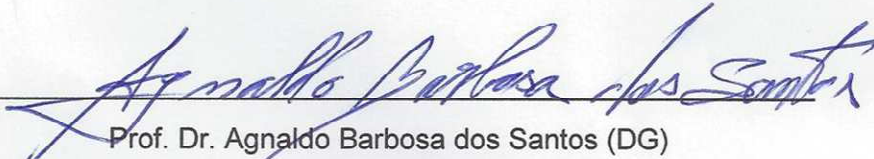
DAIANE GOMES DA SILVA

**QUILOMBO CAIANA DOS CRIoulos ALAGOA GRANDE-PB:
TERRITORIALIDADES E OS MODOS DE VIVER EM COMUNIDADE.**

Artigo apresentado ao curso de Geografia,
da Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento dos requisitos necessários
para obtenção do grau de Licenciada
Plena em Geografia.

Aprovada em: 14 de maio de 2016

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos (DG)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus I

Orientador

Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento (DG)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB- Campus I

Examinador



Prof. Ms. Josué Barreto da Silva Júnior
Universidade Federal de Campina Grande- Campus I

RESUMO

SILVA, Daiane Gomes da. QUILOMBO CAIANA DOS CRIoulos, EM ALAGOA GRANDE-PB:TERRITORIALIDADES E OS MODOS DE VIDA EM COMUNIDADE. Artigo (Graduação – Curso de Licenciatura Plena em Geografia, CEDUC – UEPB) Campina Grande – PB, 2016.

Durante o período colonial brasileiro houve a intensa imposição do trabalho escravo para com os negros advindos da África, por isso ocorreram inúmeras fugas das quais resultaram os quilombos, entre eles o de Caiana dos Crioulos, uma comunidade remanescente de quilombolas que buscou refúgio em áreas íngremes no intuito de livrar-se dos castigos e atividades diárias a qual eram submetidos e sem períodos de folgas, assim estes não manifestavam suas culturas e reduziam as chances de fugas. Porém observa-se na atualidade que tais manifestações culturais passaram por um período de incorporação de práticas advindas da influência exercida pela globalização. Desse modo o objeto de estudo desta pesquisa é analisar as influências que o desenvolvimento tecnológico vem exercendo sobre o meio em questão. Objetivando esclarecer como a comunidade, mesmo que em número reduzido consegue preservar suas manifestações culturais diante de mudanças tão significativas acarretadas por influência das tecnologias. Para tanto, torna-se necessário estabelecer um recorte temporal para a compreensão das mudanças ocorridas até então. Contudo foi necessária uma revisão bibliográfica, realização de entrevistas com antigos e novos moradores. A pesquisa torna-se pertinente uma vez que o local passou a ser foco de visitas turísticas e de inúmeras pesquisas.

Palavras-chave: Quilombo, Globalização, Cultura, Território

1INTRODUÇÃO

A comunidade Remanescente de Quilombo Caiana dos Crioulos, encontra-se localizada no município de Alagoa Grande, na microrregião do Brejo paraibano, antes chamada de “Sertão do Paó” cujas características diz respeito ao clima quente e presença de chuvas durante alguns meses favorecendo a agricultura de subsistência local, fonte de renda por longo período. Contudo a maior parte da população sente a necessidade de encontrar meios para a aquisição de capital de forma continuada, tendo em vista que a agricultura depende das condições do tempo, assim, muitos se deslocam para outras cidades.

A colonização da cidade de Alagoa Grande se deu por concessões de terras, qual iniciou o processo de plantio de algodão e cana-de-açúcar na área, responsável pela instalação de engenhos de cachaça e rapadura, mas usufruindo de uma pequena parcela de mão de obra negra, uma vez que já se findava a escravatura brasileira. Desse modo poucos foram os negros trazidos e explorados no local, onde

segundo relatos se encontravam alguns negros fugitivos de outras cidades, dentre eles os primeiros habitantes que formaram a então Caiana dos Crioulos.

Notadamente a comunidade apresenta certa quantidade de idosos que relatam histórias sobre a chegada dos primeiros habitantes no lugar, qual apresenta terras íngremes, de difícil acesso, dificultando a chegada de “capitães do mato”. Os diferentes relatos referem-se a vinda de lugares como Mamanguape-PB, Areia-PB, Quilombo dos Palmares e a mesorregião do Cariri paraibano, perpassados geração após geração, bem como os costumes vivenciados no lugar, que resistem a imposição de outras culturas através do europeu desde o período da escravidão.

Atualmente os remanescentes quilombolas buscam permanecer nas terras onde seus antepassados criaram raízes e perpetuaram suas culturas, contudo, o desenvolvimento tecnológico acaba influenciando estes lugares e reduzindo a influência cultural trazida para o Brasil ou incorporando novos aspectos surgidos após as Revoluções Industriais que o mundo vivenciou e vivencia, tendo em vista que a sociedade se encontra submersa na nova fase industrial.

A fundamentação teórico-metodológica usada no trabalho diz respeito ao materialismo histórico uma vez que foram realizadas comparações entre o passado e o presente para a compreensão das transformações ocorridas no espaço, sejam elas de ordem econômica, social ou política. Para a verificação dos fatos foi utilizado o trabalho empírico, através de entrevistas e conversas informais com moradores do lugar. Foram empregadas ilustrações fotográficas, da área in loco, com o objetivo de verificar e validar o estudo realizado.

O artigo encontra-se dividido em três partes. Na primeira parte, apresentam-se discussões acerca das categorias geográficas relacionadas com o enfoque da pesquisa, sobretudo espaço, território e região, na segunda parte, buscou-se explicitar os fatos vivenciados pelos negros africanos e afro-brasileiros, a partir do processo histórico da inferioridade que levou ao longo período de escravidão em diversas partes do Brasil. A terceira parte aborda e analisa as relações dos valores culturais existentes em uma comunidade descendentes de ex-escravos, no Quilombola Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande/PB.

2 CATEGORIAS GEOGRÁFICAS: Dimensões de análise

As reflexões sobre conceitos geográficos foram adquirindo ao longo de períodos históricos, novas conjunturas à medida que a sociedade sofria mudanças e autores buscavam adequar tais análises a nova realidade estabelecida, muitas vezes determinando uma categoria chave que explica-se o real objeto de estudo da geografia. Tais tentativas de definição incitavam debates frequentes entre pesquisadores que apresentavam ideias opostas levando a uma indefinição não apenas do objeto de estudo, mas, sobretudo dos conceitos das categorias geográficas.

É importante compreender a relação e diferenças existentes entre espaço, território e região que frequentemente são utilizados como sinônimos, mas que apresentam configurações distintas referentes aos fenômenos sociais quando estes são analisados por disciplinas afins. O conceito de tais categorias fora construído ao longo do processo histórico vivenciado pela geografia, passando por transformações e, refletindo nas fronteiras que surgiram no intuito de separá-los. Ou seja, a conceituação das divisões geográficas é trabalhada sem uma delimitação definida.

O conceito de espaço vem sendo discutido por diversos estudiosos, através de pesquisas, debates e embasamento teórico de outras ciências. Por ser um conceito complexo e inacabado, não se pode construir um conceito acabado, estático e inflexível, pois o espaço não é estático, fechado e fixo, ele é movimento em transformação, mediante da organização social, em um determinado tempo constrói sua própria história.

Conforme as diversas implicações que a categoria espaço proporciona, alguns autores divergem ou convergem sobre a ideia de espaço. Por ser tão abrangente, seu conceito em outras ciências têm diversas multiplicidades e aplicações, como para a Arquitetura e Engenharia pode ser uma casa, um escritório, um terreno, um prédio, algo que determine um limite territorial.

Entretanto para a geografia, o espaço é a categoria mais importante, pois é através desta que, pode-se analisar o objeto de estudo: a sociedade e sua relação com o meio, as transformações e permanências da estruturação física da organização socioespacial, em um dado momento historiográfico, por meio das relações políticas, culturais e econômicas, indicam as diferentes maneiras como as práticas sociais interagem com o espaço, apropriando-se dele. Portanto,

“[...] o espaço não tem valor de troca, mas somente valor de uso, uma utilidade. O espaço é, portanto anterior, preexistente a qualquer ação. O espaço é de certa forma, "dado" como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação”. (RAFFESTIN, 1993, p.2)

Conforme diversas concepções sobre o espaço chega-sea conclusão que este quando concebido pela ciência geográfica é o espaço praticado, o qual é produto das relações sociais, ou seja, o que é construído e transformado sob a força de produção(trabalho) da sociedade em cada porção do lugar num determinado tempo. Santos (1988, p.26)define que:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento.

Quando afirmamos que a sociedade modifica o espaço estamos fazendo referência à transformação pela qual a natureza vem passando desde a evolução do ser humano no planeta, então o espaço natural ao sofrer influência da produção humana vem a ser chamado de espaço artificial ou cultural. Ainda de acordo com Santos (1988, p.64):“[...] é a marca do homem sobre a natureza, chamada de socialização por Marx”. Resultante dos movimentos realizados com frequência pela sociedade e acentuado pela globalização.

Das categorias geográficas existentes, o espaço se apresenta como a mais ampla de todas, de modo que as abrange e recebe inúmeras acepções usadas para designar diferentes conjunturas, algumas sem relação como espaço geográfico. Assim como ocorre com outras palavras, corriqueiramente outros termos são usados para definir espaço, principalmente lugar, território e até mesmo paisagem. Segundo Haesbaert (2010, p.160):“[...] o que distingue, muitas vezes, um conceito de outro é simplesmente uma questão de foco”. Embora muitos acabem criando uma confusão quanto aos conceitos-chave da geografia, e exista uma variação destes quanto ao período estudado, sabe-se que, mesmo existindo ideias opostas, tais categorias dispõem de definições concretas.

De acordo com Santos (1988, p. 71): “O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários”. À medida que o ser humano desenvolve atividades está criando um espaço dinâmico, diferenciado, de paisagem, por exemplo, que é um dado momento da sociedade, muitas vezes reconhecidos

como objetos de importância histórica, como, os casarios do período colonial ainda encontrado na cidade de Alagoa Grande e na zona rural deste município.

O espaço se apresenta como interação da sociedade com o meio no qual se insere, uma vez que este se encontra sempre em movimento, dando fluidez aos fixos, obras de trabalho diário, que a depender do uso pode originar objetos fluxos. Ainda Santos (1988, p. 78): “[...] a cada tipo de fixo corresponde uma tipologia de fluxos. Um objeto geográfico, um fixo, é um objeto técnico, mas também um objeto social, graças aos fluxos. Fixos e fluxos interagem e se alteram”.

Considerando as mudanças no aspecto histórico, hoje a circulação de mercadorias e capital influi no valor que os elementos que compõem o espaço passaram a vivenciar. Enquanto há algumas décadas um produto de interesse da sociedade por se apresentar como inovação tinha vida útil de anos, hoje por conta do processo de globalização, rapidamente os objetos se tornam obsoletos, dando lugar à outra variável.

Em uma sociedade capitalista, o capital produz o espaço e o delimita de acordo com a sua demanda criando e recriando condições para que haja uma reprodução do mesmo. Reprodução essa que se dá de forma diversificada como a marginalização espacial, onde a grande concentração vista nos centros urbanos (pontos políticos, econômicos e culturais) está se estabelecendo nas periferias. Segundo Corrêa (1987, p.55) as atividades necessárias ao ser humano provocam a reprodução do espaço, visto que:

“[...]o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da Terra, é assim um meio de vida no presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução)”.

À medida que os espaços avançam em termos de acessibilidade os artefatos criados pelo homem em dado momento passam a assumir nova conjuntura, principalmente quando este assume uma grande circulação, proporcionada pelos centros econômicos produzidos nas grandes cidades do planeta. Isto leva o espaço urbano a se reproduzir de diferentes formas de identificação que geram práticas de produção diversas.

A partir do momento que uma região surge, ela estará sujeita a passar por inúmeras transformações, em alguns momentos a mesma pode se desenvolver consideravelmente, em outros pode passar por processos de estagnação, como afirma Haesbaert (2010, p. 37) “[...]a região já nasce fadada a idas e vindas, desconstruções e reformulações”. O grande controlador de uma região sem dúvidas é o capital, desde o seu surgimento este vem ocupando um grande espaço na sociedade, capaz de colocar o mundo em crise e ainda o manter dividido em pobres e ricos.

Uma determinada região pode transformar-se de acordo com as reformulações do mercado capitalista, nessa perspectiva a ideia de região natural difundida no início do século XIX, baseada no determinismo ambiental, onde a natureza tinha um papel determinante sobre o homem, foi encoberta pelo possibilíssimo, no qual, ainda na perspectiva de Corrêa (1987), o homem com sua cultura cria uma paisagem e novas formas de convívio social.

O ser humano alterou profundamente a paisagem na busca de alcançar um nível de desenvolvimento influenciado pelo interesse e dominação que o capital exerce, intensificando as relações com diversas áreas a partir do desenvolvimento dos transportes e dos meios de comunicação, de modo que as regiões onde antes se produzia o indispensável para o consumo hoje, com a eficiência dos meios de transportes pode buscar qualquer produto em outras cidades ou em outros países.

Quem não pode mover-se continuamente em busca de produtos apresentados nos meios de comunicação, acaba saindo de vez, principalmente quando o local de origem trata-se da zona rural. Um dos problemas enfrentados na Comunidade Caiana dos Crioulos diz respeito ao aumento da migração para os maiores centros urbanos (Rio de Janeiro, por exemplo), uma vez que a sede do município onde esta se situa não apresenta condições de suprir as necessidades de bens e serviços dos seus habitantes. Anterior ao período da globalização poucas pessoas sentiam a necessidade de locomover-se em busca de recursos capitalistas, o imprescindível para a população produzia-se no próprio território, este em questão surgiu em detrimento do sofrimento vivenciado pelos negros. Moraes (2005, p.42) afirma que:

A transformação dos meios naturais a partir de certo grau de intervenção põe novas qualidades e novas relações, como as originadas pela agricultura, que através do solo agrícola, mobiliza a superfície da Terra como diretamente um meio de produção.

As mudanças na ordem natural originaram uma relação entre a sociedade e o espaço localizado, mantendo interação que finda em humanização territorial. Cada vez mais os resultados das ações sociais desenvolvidas subvertem as características naturais, pois inúmeras são as construções e destruições realizadas para a adequação das apropriações futuras (MORAES, 2005).

O território surge a partir das relações de poder existentes na sociedade, ao se apropriar e se estabelecer qualificando e dando possibilidade de desenvolvimento. Contudo, a cada momento histórico a divisão territorial apresenta proposições inerentes à hierarquia dos lugares, pessoas, firmas e instituições, adequadas ao espaço em diferentes ordens da própria organização espacial(SANTOS E SILVEIRA, 2011).

A grande capacidade de habituar-se ao novo é frequentemente observada pela humanidade. Inicialmente o ser humano não dispunha de quaisquer mecanismos com suporte tecnológico, nem técnicas aprimoradas que reduzisse o longo período para o domínio do fogo ou melhoramento agrícola. Contudo, ainda em Santos e Silveira (2011, p.21) observa que:

Nos dias atuais, um novo conjunto de técnicas torna-se hegemônico e constitui a base material da vida da sociedade. É a ciência que, dominada por uma técnica marcadamente informacional, aparece como um complexo de variáveis que comanda o desenvolvimento do período atual.

A questão do território hoje está imbricada com o advento da globalização, ou seja, pautado no dinamismo da sociedade pela economia, bastante visível na “Comunidade Caiana dos Crioulos”, em Alagoa Grande em virtude dos novos fatores sociais serem responsáveis pela adequação agrícola, atualmente parte da produção (cereais, frutas e verduras, entre outros) tem como finalidade comercialização na feira da cidade, Raffestin (1993, p.2) declara que:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao apropriar de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço.

O termo território expõe a própria dimensão espacial (da sua territorialidade), ratificando a espacialidade como foco principal a análise a sociedade e sua dinâmica, qualificando-a a partir de suas diferentes representações de ordens organizativas. O caráter político de um território é compreendido em sua flexibilidade formal e de conteúdo, expressas na relação desenvolvida com as noções de representações de tempo e espaço, como a Comunidade do Quilombola Caiana dos Crioulos, em território do Município de Alagoa Grande-PB.

3 O NEGRO NO BRASIL: a escravidão no período colonial.

As lutas e a frequente resistência por parte dos negros introduzidos no Brasil se estende desde o período colonial momento que se intensificou o trabalho escravo em virtude da expansão econômica da metrópole. Estabeleceu-se nesse período a produção de cana-de-açúcar, com a construção de inúmeros engenhos voltados para uma produção com características diferenciadas em terras europeias, a qual comercializava até então açúcar proveniente da beterraba.

A necessidade de mão de obra suficiente para a realização de trabalhos braçais levou os colonizadores a terras africanas em busca de força de trabalho que não oferecesse resistência. O processo de escravidão foi sequenciado pela necessidade de fuga e fixação em terras que até então não apresentavam proprietários, os chamados quilombos (Quilombola Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande/PB, por exemplo), lugares essenciais para fortalecer a resistência negra, muito embora tenha se tornado alvo de inúmeros conflitos tendo em vista a supremacia dos coronéis da época sobre a sociedade brasileira.

O Brasil é um país com grande miscigenação, advinda da colonização ocorrida no século XV por povos portugueses, que buscavam enriquecer através da matéria-prima explorada com grande frequência em suas colônias. Os portugueses sentiram a necessidade de mão-de-obra, nesse jogo de subjugar (trabalho escravo), os nativos resistiram fortemente a imposição dos colonizadores por meio de lutas que em sua maioria levava a derrota tendo em vista a diferença existente em relação ao armamento. Houve a necessidade de buscar em outros países, que da mesma forma haviam sido colônia, a força do trabalho braçal, que não oferece resistência, o “negro”, em território africano.

Durante um longo período segundo Alves (2007) os negros foram vistos como seres inferiores por não apresentarem a mesma cor que os europeus, sendo muitas vezes apontados como animais ou raça inferior abranca, muitos estudiosos acreditavam que a cor pigmentada caracterizava o negro como ser incapaz de raciocinar tal como a população que compreendia a Europa. Entretanto, trata-se de uma concepção teórica conflituosa.

Para muitos o branco seria marcado pela inteligência, praticidade, ética e moral e o negro pela imaginação, daí a ideia de submetê-lo ao trabalho braçal, pois este não teria a capacidade de desempenhar funções que necessitem de esforço intelectual. A sociedade apropriou-se dessa referência, aplicando a ela uma diversidade de esclarecimentos desqualificando o “Negro”, pelo contexto de cada momento da história. De modo que ainda é observável uma pequena minoria de negros exercendo funções em centros acadêmicos, qualificados e bem remunerados.

Para compreender essa dialética que se estabelecia nas representações coletivas entre os povos africanos sobre as características nos costumes opostos aos europeus, proporcionando situações favoráveis à deliberação de leis, as quais desqualificava o negro. Assim, com uma grande indução ao fracasso e pouco poder para contrapor as ideias europeias, coube aos negros submeterem-se às normas impostas pela sociedade hierárquica da época, cedendo às imposições sem resistência, uma vez que algumas civilizações africanas tornaram-se escravizadas por conta de endividamento com países detentores de reservas financeiras.

As dívidas adquiridas na época eram concluídas a partir do uso da mão de obra escrava (negra), a partir da necessidade no aumento do número de trabalhadores escravizados, práticas desenvolvidas pelas sociedades contemporâneas. Essas atividades se iniciaram com o processo de escravização em larga escala, onde os negros (africanos) eram capturados e transportados em navios para as colônias, em diversas partes do mundo, Ribeiro (2006, p.107) enfatiza que:

Apresado aos quinze anos em sua terra, como se fosse uma caça apanhada numa armadilha, ele era arrastado pelo pombeiro para a praia em troca de tabaco, aguardente e bugigangas [...]. Metido no navio, era deitado no meio de cem outros para ocupar, por meios e meio, o exíguo espaço do seu tamanho, mal comendo, mal cagando ali mesmo, no meio da fedentina [...] Outro comboio, agora de correntes, o levava à terra adentro, ao senhor das minas

ou dos açúcares, para viver o destino que lhe havia prescrito a civilização: trabalhar dezoito horas por dia, todos os dias do ano.

O trabalho escravo era ilimitado, usado para a prestação de serviços sem a necessidade de compra ou venda pelos senhores fazendeiros, pois trata de um ser humano que deveria ter direito de ir e vir em qualquer período da história. No entanto a intensificação das atividades comerciais mudou a situação do negro, um dos motivos que acentuou a quantidade de negros escravos refere-se aos conflitos étnicos, como afirma Chagas (2010, p.91): “Quando um reino declarava guerra ao outro, tornava o vencido escravo de guerra e futuramente uma peça a ser negociada”.

Nesse contexto, inúmeras pessoas, sendo eles homens, mulheres, jovens e mesmo famílias completas deixaram as terras africanas para integrar os negócios europeus, que estavam tornando-se rentáveis sem, até o momento, a realização de conflitos com as sociedades que compunham o território africano. Essa realidade, no entanto findou-se à medida que os interesses capitalistas foram estendidos em virtude do desenvolvimento das atividades comerciais a partir do século XV, desse modo à população africana foi transplantada para vários lugares do planeta, dentre eles o território brasileiro.

As atividades desenvolvidas no Brasil no período colonial só foram possíveis devidoamão de obra escravizada, a qual desempenhava funções e atividades forçada e em condições sub-humanas. Os negros advindos de algumas regiões da África, principalmente da porção Ocidental e da Nigéria, transportados até a colônia em navios negreiros lotados(sem alimentação e água potável), não resistiram ao percurso, acometidos por doenças que continuaram até a chegada ao continente americano.

Ainda em território africano para a inserção no trabalho das grandes fazendas, repetidamente eram comparados a cavalos, segundo Ribeiro (2006) estes eram avaliados pelos dentes, pela grossura dos tornozelos e dos punhos, desse modo a boa aparência determinava o valor dos escravos, sobretudo as negras jovens, as quais motivavam ciúmes das senhoras das propriedades levando-as a cometer crimes contra seus servos, provocando inúmeras fugas e suicídio, necessários para uma população antes liberta em seus países de origem.

No Brasil durante muito tempo a sociedade não desempenhava funções sem o auxílio dos escravos, com isso houve uma grande resistência quando surgiram apoios à sua liberdade. Os grandes senhores de engenho apresentavam considerável número de escravos os quais não eram remunerados, assim a abolição os traria prejuízos, uma vez que não haveria mão de obra disponível sem a disposição de recursos suficientes para suprir as necessidades do indivíduo prestador. Ademais, uma vez livres para onde os negros iriam e de que viveriam, sendo que não se encontravam em terras natais.

Os líderes políticos da época não deram importância ao destino de milhares de pessoas que fora das fazendas não tinham recursos nem formas de sobrevivência, levando-os a viverem marginalizados e se tornarem vítimas de preconceito social, pois para muitos ser negro é sinônimo de pobreza, Mattos (2006) explica que a auto afirmação negra leva ao exercício da escravidão, qual está imbricada na pele de vários. Até hoje esse povo, sofre as consequências de uma viagem forçada, de um trabalho imposto e de uma abolição mal coordenada.

A abolição buscada pela minoria elitista ia de encontro com a lucratividade dos senhores de engenho, alcançada a partir da exploração de mão de obra durante séculos, conseqüentemente esteve distante da realidade dos negros por um longo período, provocando revoltas. Com a chegada da abolição o que se viu, foi uma visita aos períodos onde o negro sofria com as constantes teorias de rebaixamento, era submetido a frequentes cenas de preconceito, humilhação, cabendo-lhes a inserção em lugares imundos e precários por se tratarem de animais como muitos conceituavam.

3.1 Do trabalho escravo a liberdade dos quilombos

Atualmente os remanescentes quilombolas buscam permanecer nas terras onde seus antepassados criaram raízes e perpetuaram suas culturas, essas formas de organização política, se explica como o “Quilombo Caiana dos Crioulos”, em Alagoa Grande-PB, e outras regiões do país, nos quais se conserva o aspecto cultural trazido para o Brasil, em meio a novas práticas socioculturais de produção surgidas após as Revoluções Industriais que o mundo vivenciou e vivencia, tendo em vista que a sociedade se encontra submersa na nova fase industrial.

Durante um longo período o Brasil usava do trabalho escravo para desenvolver-se economicamente, para isso os senhores proprietários exploravam os africanos escravizados de acordo com o sistema imposto. Souza (2010, p.11) afirma que: “Períodos de isolamento e castigos tentavam impor a autoridade de senhor proprietário [...]”. Esses senhores acreditavam que ao agir de forma brutal para com os rebelados os demais evitariam contraposições, e até mesmo os castigados compreenderiam ser aquele o destino de todos. Tendo em vista, não seriam pequenos motins que mudaria a situação do negro no Brasil.

A África é um continente extenso e por isso existe grande miscigenação em sua territorialidade. A história revela, no país, a permanência de antigas divisões, herdadas por grupos contemporâneos que imprime marcas da época que identificam e delimitam uma região e expõem formas singulares em relação às demais culturas, principalmente referentes aos povos de cada lugar. Em virtude da saída forçada do seu território, segregação dos povos e banalização da diferença entre etnias, coube aos negros habituar-se ao novo ambiente. Ainda Souza (2010, p. 11) enfatiza que:

[...] retirados do seu espaço de convívio e de pertencimento, obrigados a desprender-se das suas ascendências étnicas, valores, espiritualidades, passaram a viver sob forte coerção por parte do sistema escravista. Ainda assim, buscaram várias formas e artifícios para manter sua cultura, seus valores, espiritualidades e identidade coletiva.

De acordo com o exposto os grupos sociais foram retirados da convivência de suas comunidades e foram inseridos num outro contexto de organização territorial em um novo processo político diferente dos seus, este propiciou a manutenção de uma boa parte dos costumes africanos como: as práticas de rituais, danças e alimentação, mas, devido à influência de outras práticas culturais acabaram se modificando e se adequando as realidades encontradas na colônia, uma delas em “Terras” brasileiras. Além disso, a fuga para os quilombos em contraposição ao regime possibilitou a troca de experiências, tendo em vista a miscigenação africana que havia se instalado.

Os quilombos ou mocambos surgiram nos países de formação colonial, em regiões de sistema escravagista com organizações espaciais a depender da questão cultural dos indivíduos e pelas particularidades históricas e geográficas de cada lugar, por eles conquistados, segundo Chagas (2010), são apontados como uma

tentativa dos negros de construir uma comunidade com a manutenção básica no que testa a princípio a vida social no país de origem, no novo país, o Brasil, no qual havia liberdade almejada por todos que se viam aprisionados aos seus senhores e trabalhos que não se findavam. Além do que, poderiam expressar-se culturalmente sem o receio da punição.

Munanga (1995) ressalta que no Brasil a organização espacial dos quilombos foram inspiração africana construídos para resistir ao sistema de ordem política gerado no período colonial, no que refere a configuração territorial do país. Escravizados e revoltados por conta das péssimas condições as quais eram submetidos, os negros iniciaram um processo de fuga das fazendas e buscavam refúgio em áreas de difícil acesso. Transcrevendo o modelo de quilombo africano, os afrodescendentes transformaram as comunidades negras abertas a todos (índio e branco), que se sentissem explorado.

Durante o período de escravidão vários quilombos foram formados, apresentando configuração territorial e demográfica diversificada. Os quilombos de pequeno porte, segundo Souza (2010) viviam de pequenos ataques a vilas e estradas que circundavam seus territórios. Em contra partida territórios com até 20 mil escravos fugidos, exigiam maior organização social e comercial, uma vez que a vida em grupo é permeada por conflitos e tensões que podem ser usados como alternativa para o condicionamento de desafios.

Os quilombos são lugares que agregavam uma diversidade de práticas culturais movidas por diferentes subjetividades, nas quais jovens intelectuais buscavam sugestivas melhorias referentes a vida social dos habitantes nesses microterritórios, que levaram a elaboração de leis. Contudo parte das leis e decretos implementados no Brasil de alguma forma acabava beneficiando a elite latifundiária, uma vez que estes ditavam as regras no país e acabavam reduzindo o valor dos negros e mulatos.

A elaboração das leis Eusébio de Queiroz (1850), Ventre Livre (1871) e dos Sexagenários (1885) trataram-se de atos de intervenção na vida dos escravos. Tal qual a Lei Áurea assinada pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, pondo fim a escravidão brasileira, mas sem apresentar condições ou qualquer política pública

que visa-se amparar o trabalhador negro até então explorado, no que refere aos latifundiários da época, Mattos (2006, p.108) destaca que:

Após a lei, e durante alguns anos, os senhores continuaram a se organizar politicamente demandando indenização pela perda de sua propriedade em escravos. Quase não se discutiu formas de reparação aos ex-escravos, mas, nos meses finais da monarquia, a questão de “democracia rural” [...], foi postulada por setores abolicionistas como um complemento necessário a Abolição da escravidão.

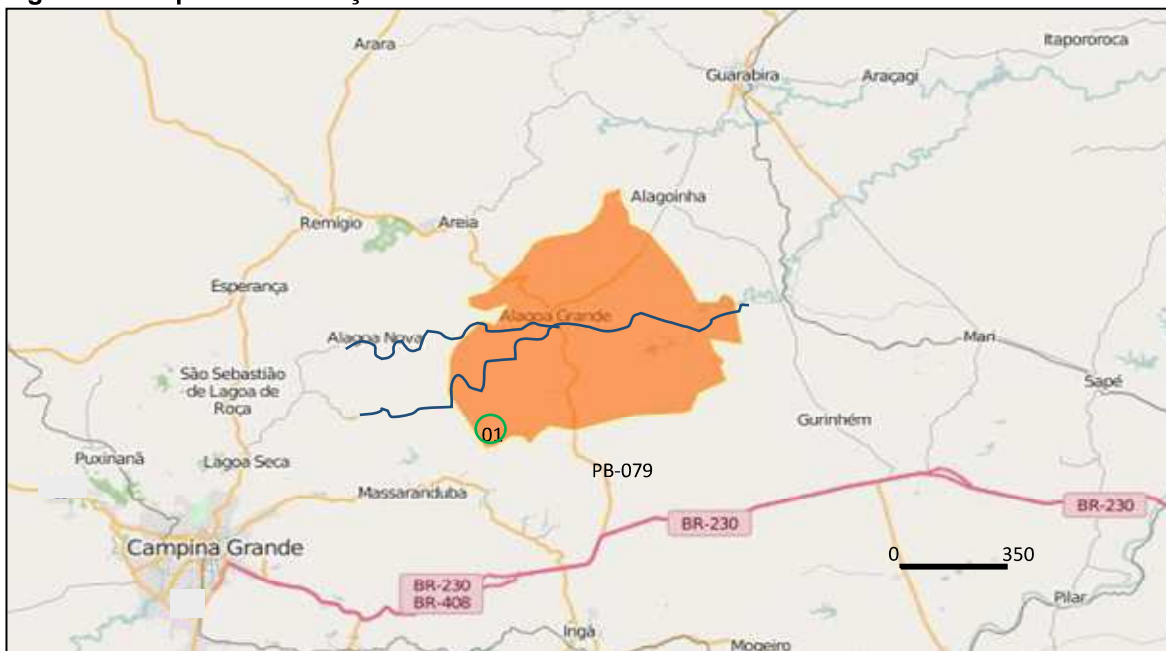
Coube aos negros, procurar lugares para se estabelecer, dando origem as favelas e continuar servindo aos latifundiários, a baixos salários, pois não havia pessoas dispostas a emprega-los. Nesse momento é intensificada a imigração dos italianos e alemães, no intuito de esbranquiçar o Brasil. Portanto, após o processo de emancipação política escravista se constituiu uma nova organização social, política e econômica originando a nova sociedade elitizada do país.

4 ANÁLISE DAS RELAÇÕES E VALORES DAS PRÁTICAS CULTURAIS EXISTENTES EM CAIANA DOS CRIoulos

A sociedade desde o século XIX com a Revolução Industrial passou a experimentar equipamentos que tem como função diminuir dificuldades das atividades diárias, contudo, em virtude das mudanças ocasionadas pelos recursos tecnológicos, surgem preocupações com relação a riqueza cultural que os descendentes de africanos carregam consigo desde o início da colonização, período que ocorreu a miscigenação brasileira por consequência das migrações, em sua maioria forçadas.

Caiana dos Crioulos é uma pequena comunidade localizada no município de Alagoa Grande (Mapa 01), distante 122 km de João Pessoa capital da Paraíba. Incrustada no alto da Serra da Borborema de difícil acesso até hoje, se mostrou como lugar ideal para os primeiros habitantes se abrigarem e proteger-se de possíveis perseguições, haja vista, a chegada ter se dado em um período onde o negro devia subserviência ao branco elitista.

Figura 01: Mapa de localização de Caiana dos Crioulos



Fonte: IBGE, adaptado por SILVA, Daiane Gomes da. 2016

LEGENDA:

- 01: Comunidade de Caiana dos Crioulos**
 **Município de Alagoa Grande-PB**

Em 2005 a Fundação Cultural Quilombo dos Palmares reconheceu a comunidade como um dos 32 quilombos paraibanos, tal medida só foi possível em virtude da alteração do contexto sócio-político, atendendo as reivindicações das comunidades brasileiras e reconhecendo o direito a preservação de sua cultura e identidade, além do direito a de propriedade de suas terras, assim a comunidade se fortalece nacionalmente, ou seja, passa a manter relações com o global uma vez que o mundo teve suas fronteiras reduzidas através dos meios de comunicação surgidos nesta nova fase do capitalismo.

No passado os habitantes de Caiana dos Crioulos não tinham contato com os meios de comunicação, cabendo a estes buscar artifícios informativos ou meios de lazer, no caso a ciranda ou coco de roda em alguns momentos específicos para preservar a relação com parentes e amigos mais distantes. Preservando a prática do coletivismo, que até início do século XXI fazia parte da vida da comunidade, mas que vem perdendo espaço para o individualismo moderno.

As relações sociais sofreram alterações a partir do processo de globalização mundial, tendo em, vista que o homem passou a dispor de recursos formidáveis, dando-lhe a possibilidade de utilizar e conhecer a tudo em nível planetário

(SANTOS, 1988). As manifestações culturais que até determinada época restringia-se ao lugar, por meio de técnicas avançadas se tornou universalizada e acessível a todos.

As conquistas tecnológicas cada vez mais intensas possibilitaram conhecer inúmeras representações sem a necessidade de contato com o lugar e ter a percepção das significativas transformações no território, porém os recursos informacionais apresentam funções contraditórias, uma vez que afastam as pessoas de contato direto com os costumes comuns em um grupo, por outro lado, podem ser usados para incentivar pesquisas in loco.

Os diversos meios de comunicação atuantes em praticamente todo o planeta, independentes de questões políticas ou culturais, acarretam aculturação de jovens e de conjuntos de população (CLAVAL, 2007). Observa-se na comunidade em questão ao longo do século XXI, as modificações em razão do uso de TVs e celulares nas atividades religiosas como Dona Irene do Nascimento (14-12-2015) enfatiza que:

“Não tem muito tempo a gente via a igreja lotada, cheia de jovem e mulheres com sua bacia de doce, principalmente cocada. Era uma festa só! Vinha gente de todo sítio de perto daqui. Mas hoje esse povo não sai mais de casa.”

O alcance da população a estes mecanismos induz a seguinte questão: qual é o impacto cultural da mídia sobre a comunidade? A acessibilidade da massa a equipamentos tecnológicos é recente, contudo a influência destes nas relações é forte, alterando a vida cotidiana, as atitudes, as representações e manifestações culturais. No caso de Caiana dos Crioulos, o uso de mídias, como o telefone transformou a reprodução dos fatos antes puramente orais em base local, possibilitando a difusão longínqua.

Desse modo, em virtude dos avanços resultantes da globalização acentuou-se a acessibilidade a comunicação dos moradores do lugar para com os parentes que em sua maioria deslocaram para territórios longínquos em busca de oferta de trabalho ou proximidade com serviços, aumentando o grupo de imigrantes com grau de parentesco em cidades como Alagoa Grande. Claval (2007, p. 79), explica que:

O encontro irresistível das populações nas cidades, nas grandes metrópoles sobretudo, bem o demonstra. As massas desenraizadas formam colônias étnicas relativamente numerosas em certos bairros, para que tradições do lugar de origem sejam mantidas

copiosamente: as línguas, as cozinhas, as regras da vida e as crenças continuam a ser transmitidas às crianças nas famílias.

Tais movimentos de unir pessoas na intenção de trocar experiências e compartilhar alegrias estão perdendo espaço nos bairros e em áreas rurais, provocando o maior isolamento de pessoas e reduzindo os valores culturais que pessoas com mais idade carregam consigo, tendo em vista que os comportamentos foram alterados por influência dos interesses capitalistas e dos extraordinários avanços no domínio do conhecimento científico e técnico (SANTOS, 1988).

Em virtude da crescente cientificidade as fronteiras entre o urbano e o rural estão ficando difusas e complementares, de tal forma que a comunidade em estudo mantém relações com cidades vizinhas e como consequência houve a expansão das atividades de turismo, no caso, timidamente por não haver estrutura, mas que durante festejos da Consciência Negra atraem pessoas de vários lugares, transpassando a urbanização para a Zona Rural.

4. 1 Socialização cultural: novos moldes da vida em comunidade

Em virtude do processo de inferioridade ao qual os negros foram submetidos a população local apresentou certa resistência no que diz respeito ao contato direto com outras comunidades, o receio de manifestações preconceituosas por muito tempo obrigou-os manter suas tradições apenas localmente, a própria lei brasileira prejudicou a preservação dos costumes afro-brasileiros, uma vez que impôs aos negros a prática dos hábitos europeus, desde a língua, passando pela alimentação até os ritos religiosos

Verifica-se tais eventos quando se identifica em relatos históricos a obrigatoriedade de se cultuar os santos da igreja católica, esquecendo-se portanto os orixás africanos, melhor, atribuindo a cada santo um orixá, fato observado em território baiano. Diferente do observado na comunidade estudada, haja vista a adoração a Santa Luzia, qual é motivo de festa durante o mês de dezembro no local, onde foi construída uma igreja na década de 1980 (Foto 02) para realização dos eventos católicos.

Foto 01: Igreja de Santa Luzia, Caiana dos Crioulos –2015



Fonte: SILVA, Daiane Gomes da. Pesquisa de campo –2015

As festas religiosas por muito tempo foram uma característica marcante da comunidade em foco, sobretudo a festa de São João realizada durante o período junino. Por muito tempo tais festejos serviam como um elo maior, uma vez que praticamente todos se reúnem para organizar a festa como também na intenção de divertir-se. Durante a festa de São João e Santo Antônio realiza-se novenas e acende-se fogueiras, na qual é colocado uma cruz (cruzeiro de São João) enfeitada com papéis de seda colorida para afastar maus fluidos.

Durante muito tempo todos se uniam durante os festejos juninos objetivando organizar uma grandiosa festa, haja vista se tratar de um território nordestino, qual festeja praticamente todo mês de junho com quadrilhas, balões, fogueiras e bandeirolas; dessa forma a comunidade por muito tempo se dedicava a este momento atraindo uma grande quantidade de pessoas, além do que é o momento para se comemorar - a depender da quantidade de chuvas – a colheita dos alimentos plantados.

Com efeito, a agricultura de subsistência é uma das atividades que ainda resiste, porém nos primórdios da ocupação esta fora mais presente na vida das pessoas, com o plantio de milho, feijão, mandioca e batata-doce, produtos estes usados na alimentação das famílias, hoje em virtude do acesso a alimentos industrializados, da redução no número de filhos que auxiliavam na produção e das mudanças no sistema capitalista que inseriu a mulher no mercado de trabalho o cultivo de alimentos de subsistência reduziu significativamente.

Na contramão do processo industrial nos últimos anos a comunidade uniu-se e criou uma mandala, nome usado para designar a horta comunitária, mantida pelos moradores com a compra de sementes e através da mão-de-obra, os produtos oriundos desta atividade são destinados ao consumo da própria população. Diferente do que ocorre na prática tradicional, o cultivo ocorre de forma irrigada, independentemente da crença religiosa de que deve-se esperar pelo dia de São José para começar o plantio.

A comunidade é majoritariamente católica, assim uma festa bastante lembrada é a comemoração do dia de Nossa Senhora da Conceição, quando é rezada uma novena (do dia 07 ao dia 08 de dezembro). Novenas, aliás, constituem uma tradição da comunidade e aconteciam com maior regularidade do que nos dias atuais, quando estão limitadas às festas mais tradicionais, como a citada acima. Além disso, no interior das casas ficam expostas imagens de santos católicos adornadas com fitas coloridas.

Ao fim dos eventos católicos ou particulares como os casamentos costumava-se reunir um grupo com diferentes faixas etárias para tocar pífano, cantar o coco de roda e dançar a ciranda, em virtude do maior isolamento estes eram os momentos mais aguardados, principalmente por jovens, que usavam estes momentos como artifício para iniciar a vida amorosa, D. Josefa Severina da Silva (14-12-2015) conta que:

“Antes os pais prendiam demais as filhas, só podia trabalhar na roça e cuidar da casa, os homens eram mais soltos. Todo mundo ficava muito animado quando tinha uma festinha, a gente aproveitava para paquerar escondido dos pais e os que podiam até dançavam um pouco.”

Ultimamente as apresentações se tornaram raras e tem caráter organizacional com ensaios e figurinos. Os jovens antes tinham maior interesse até porque era o artifício usado por estes para sair um pouco da rotina exaustiva e conhecer outros lugares. Este desinteresse leva as mulheres donas de casa a participar cada vez maior dos grupos.

Caiana ficou conhecida em contexto nacional há alguns anos a partir da criação de uma banda de pífano que passou a fazer apresentações em Alagoa

Grande, algumas cidades paraibanas e inclusive na capital federal. Esta banda tornou-se referência para a comunidade, a maioria das músicas eram originais e faziam alusão a origem negra. Com a morte dos integrantes mais velhos o conjunto findou-se.

Atualmente na comunidade, como resgate cultural as mulheres que são maioria e lideram o local, fazem apresentações de coco de roda e ciranda, esta última conta com dois grupos, um liderado por Cida e outro por Dona Edite. As exposições se dão ao longo do ano nos mais variados lugares, e durante o feriado da Consciência Negra (Foto 03) o objetivo é mostrar a moradores e turistas que vão ao local como as tradições culturais estão sendo resgatadas e mantidas.

Foto 3: Apresentação dos Grupos de Ciranda e Coco de Roda de Caiana dos Crioulos - 2015



Fonte: SILVA, Daiane Gomes da. Pesquisa de campo, 2015

Por muito tempo o dia destinado para relembrar as lutas dos negros foi 13 de maio, qual ocorreu a assinatura da Lei Aurea pela princesa Isabel, contudo não representava de fato a resistência delegada pelos líderes quilombolas, por isso se comemora com grandiosas festas em alguns lugares o dia da Consciência Negra, em 20 de novembro, que ficou marcado pela morte de Zumbi dos Palmares. Em Caiana dos Crioulos todos se reúnem durante alguns dias para discutir a situação social dos negros e para dançar, cantar e comer relembrando a historicidade negra.

É notório que na comunidade essa tradição tem se mostrado marcadamente feminina, no sentido de sua organização e preservação da memória de suas trajetórias e atividades cotidianas que se prolongam até a atualidade. As mulheres da comunidade são responsáveis pela organização das manifestações, das festas, cantam e dançam(Foto 04), enquanto os homens são meros coadjuvantes, respondendo ao coro e se responsabilizando pelos instrumentos no momento que são entoados cantos que contam o passado e a resistência.

Foto 04: Grupo de Ciranda após apresentação em Massaranduba – 2015.



Fonte: Fonte: SILVA, Daiane Gomes da. Pesquisa de campo – 2015

As mulheres da comunidade além de cuidar dos afazeres domésticos e das atividades agrícolas diariamente, atualmente se preocupam em ampliar o conhecimento da população paraibana e brasileira acerca das tradições afro-brasileiras, de forma que buscam se apresentar não apenas localmente, mas em outras cidades e estados, alcançaram independência através da diversidade cultural.

Em virtude do trabalho distante ou da necessidade de se buscar outras alternativas nas grandes cidades, por muito tempo as mulheres foram as responsáveis pelo cuidado com a família, manutenção dos pequenos lotes, com o plantio e colheita dos alimentos cultivados, por esta razão se tornaram líderes comunitárias, a frente de grupos e eventos culturais, presidindo associações de agricultores e elaborando meios para resgatar a sua história. Contradizendo o mito

de dependência feminina disseminando em dias atuais, como afirma SILVA (2010, p.136):

As sociedades de base patriarcal ou falocêntrica construíram esse mito da dependência da mulher em relação ao homem. Esse discurso foi tão bem articulado em imagens constituintes de nossa herança antropológica, que as estruturas do inconsciente ou imaginário coletivo não foram redimensionadas, ao longo dos últimos séculos, no que tange às questões de gênero.

O grande vilão da história da mulher é a dependência que as mantém em posição de retaguarda, impedindo-as de avançar em busca dos direitos que tomaram maior ênfase nos últimos anos, a partir dos discursos em favor da libertação e emancipação das mulheres oprimidas pelos homens, parte das mulheres ainda continuam presas. Contudo as estruturas que sustentam as antigas sociedades estão ruindo e outras estruturas surgem, pois em época de capitalismo tecnológico e de mobilidade de identidades, as formas estruturais que se apresentam para esses indivíduos parecem provisórias (SILVA,2010).

Josefa mais conhecida por Finha, é um exemplo dessas mulheres guerreiras que lutam para que a resistência desse povo não tenha sido em vão. Ela conta que desde criança mora na comunidade, tendo saído uma única vez para tentar a vida no Rio de Janeiro, como a maioria residente. Ressalta que ainda há muito o que ser feito no lugar, o “atraso” naquele lugar a faz pensar em voltar para a metrópole, mesmo hoje ela ajudando nos eventos e na mais nova conquista que é o Museu do quilombo.

Durante muito tempo os objetos que mostram um pouco da história do lugar, ficaram guardados, esquecidos em meio a poeira, abandonados ou vendidos a ferro velho uma vez que não apresentavam nenhuma serventia até o momento, porém partindo da necessidade que o mundo globalizado tem de conhecer e preservar os momentos históricos a comunidade não poderia agir de outra maneira.

O Museu do quilombo (Foto 05) foi um projeto idealizado por Cida e por Nalva (esta última mesmo residindo em Alagoa Grande se faz presente nos eventos e projetos elaborados na comunidade), e apresenta objetos antigos, alguns do período em que uma das fontes de renda da comunidade era o agave, ou seja, a produção

de cordas. O museu funciona na antiga sede da associação construída por seu Zé Teodósio, este por sua vez era dono da Bodega que durante muito tempo deu suporte para os moradores.

Foto 05: Museu do Quilombo – 2015



Fonte: SILVA, Daiane Gomes da. Pesquisa de campo – 2015

Além da estrutura física o Museu do Quilombo busca atrair os moradores da comunidade, intuir nestes a ideia de preservação étnica, de valorização racial, de modo geral mostrar a todos a importância que tem perante a história brasileira, e para que ocorra, o lugar não se restringe atualmente a festejos durante a semana da Consciência Negra, o museu além de apresentar um pouco das situações históricas e cotidianas tem por finalidade uni-los uma vez por mês para comemorações típicas, como, a ciranda.

A realização de trocas de experiência entre os moradores de diferentes faixas etárias se faz presente mesmo surgindo dificuldades em virtude do processo de globalização, em contrapartida, tais eventos atraem frequentemente a atenção de pesquisadores de diferentes instituições, tratando com mais frequência, do reconhecimento de uma histórica dimensão da desigualdade e exclusão sociocultural até determinada época discutida por minorias.

Portanto, face as exigências de uma nova realidade, as práticas e as formas de pensar são redirecionadas, a fim de que possamos nos tornar pessoas melhores

capazes de construir novos tempos, melhores que este, para isto urge deixarmos de reproduzir técnicas excludentes, que ferem os princípios da abertura pregada pela constituição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muito tempo o negro foi visto como ser inferiorizado, incapaz de realizar as mesmas atividades que o restante da sociedade e por esta razão o europeu se viu no direito de explora-lo fisicamente e de certa forma psicologicamente através das ideias divulgadas, julgando tais atitudes necessárias para humanizar o povo africano. Considerando o negro como a degeneração da sociedade, a desigualdade social ampliou-se mesmo com a realização de movimentos de resistência que traziam consigo a esperança de vida melhor ao alcançar a liberdade. Os quilombos foram o principal elemento de oposição na historicidade negra, apresentando-se hoje como um dos artifícios dos ideais a serem almejados.

É notório que as desigualdades raciais não param de se agravar, mesmo com as políticas públicas atuais que buscam ameniza-las. Os negros ainda não foram totalmente incluídos aos benefícios da informatização, do conhecimento e do aprendizado, como mostram as pesquisas realizadas frequentemente, nas quais este povo se destaca por apresentar baixos índices de alfabetização, uma vez que a própria instituição que deveria incluir a todos em algumas situações assume um posicionamento segregacional, ao selecionar pela cor ou por hábitos culturais, como noticiado em jornais ao longo dos últimos anos.

O aumento da população negra aliado ao desenvolvimento tecnológico nos mostra uma grande contradição, pois mesmo com a disseminação da cultura de alguns povos em redes sociais e programas televisionados outras estão desaparecendo pelos mesmos motivos, justamente porque a aumento do acesso aos meios tecnológicos faz com que boa parte da população abdique a reprodução dos costumes de seus antepassados, o que impossibilita que os jovens os aprendam e os perpassem as futuras gerações.

Caiana dos Crioulos se apresenta como um dos poucos elementos de resistência encontrados em território brasileiro que busca desmistificar os estereótipos negativos disseminados no período colonial, e presente na atualidade, tendo em vista que boa parte da sociedade não se percebe preconceituosa uma vez que a ideia de inferioridade do negro se apresenta naturalizada, principalmente em relação ao biótipo, pois para muitos não é o “padrão” ideal propagado pelos europeus.

Para sobreviver nesta sociedade escravista, com limites e violência, os negros construíram uma lógica de sobrevivência e resistência ao sistema, e tais práticas são mantidas em território brasileiro atualmente, em Caiana dos Crioulos ou qualquer outro lugar que mantém maioria afro-brasileira, e se mantém necessário, pois muito embora se tenha obtido vantagens nos últimos anos com o uso de mecanismos elaborados na Revolução Técnica-científica, estes por sua vez também são usados como instrumentos de ofensa em grande proporção, pois a sociedade ainda não entendeu a importância deste povo para o contexto histórico do Brasil.

Diante dos dilemas pelos quais a comunidade já passou, seu esforço em meio a um mundo desenvolvido para preservar uma cultura centenária é indiscutível, e seu reconhecimento nacional é mais que merecido. Contudo esse esforço seria inútil se a sociedade não a aceitasse como um verdadeiro quilombo, talvez a mesma já tivera esquecido seus valores e adquirido outros impostos por outra sociedade. Cabe a nós brasileiros enaltecer cada vez mais a cultura afrodescendente, não só a do quilombo Palmares, mas de todos os quilombos. Preservando para que um dia outras pessoas possam conhecer a estes lugares.

ABSTRACT

During the colonial period there was intense imposition of forced labor toward blacks arising from Africa, so there were numerous leaks which resulted in the quilombos, among them the Caiana of Creoles, a remaining community of Maroons who sought refuge in steep areas in order to get rid of the daily punishments and activities which were submitted and without periods of time off, so they do not manifest their crops and reduced the chances of leakage. However there is at the present time that such cultural events went through a period of incorporation resulting practices by globalization exerted influence. Thus the object of study of this research is to analyze the influences that technological development is having on the environment in question. Aiming to clarify how the community, even in small numbers can preserve their cultural

manifestations before such significant changes brought about by the influence of technology. Therefore, it is necessary to establish a time frame for understanding the changes that have occurred so far. However, a literature review was necessary, interviews with old and new residents. The research becomes relevant once the site became a focus of sightseeing and numerous studies.

Keywords: Quilombo, Globalization, Culture, Territory

6 REFERÊNCIAS

ALVES, Roberta de Souza. **Ensino de História e cultura afro-brasileira e africana: da lei ao cotidiano escolar**. 2007. 74p. Monografia (Pedagogia) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP-Bauru, São Paulo.

AQUINO, Ítalo de Souza. **Como escrever Artigos Científicos: sem “arrodeio” e sem medo da ABNT**. 6ª ed. Ver. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Roberta%20%20Final.pdf>. Acesso: 22/06/ 2013

CHAGAS, Waldeci Ferreira. Educação e etnicidade: o negro (a) nas aulas de história e políticas de reparação. MACHADO. J. dos S. *et al.* **Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares**. Campina Grande: EDUEPB, 2010. Cap.7, p.87-97

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**; tradução de Luíz Fugazzola Pimenta E Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. Ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. 453p.

CORRÊA, Roberto Lobato; **Região e organização espacial**. 2. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1987. 91p.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 208p.

MATTOS, Hebe. **“Remanescentes das comunidades dos quilombos”:** memória do cativo. IN: Revista USP, São Paulo, n.68, p. 104-111, dezembro/fevereiro 2005-2006

MUNANGA. Kanbegele. **Origem e histórico no quilombo na África**. IN: Revista USP, São Paulo, n.28, p. 56-63, dezembro/fevereiro 1995-1996.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993 242p.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Campanha das Letras, 1995

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Editora Hucitec, 1988. 117p.

SANTOS, Milton. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI/Milton Santos, Maria Laura Silveira.-15ªed. – Rio de Janeiro: Record,2011

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. Perfis das personagens mulheres da literatura brasileira de autoria feminina: dependência, vingança, solidão. MACHADO. J. dos S. *et al.* **Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares.** Campina Grande: EDUEPB, 2010. Cap.11, p.133-152

SOUZA, Amarildo Carvalho de. **A luta pela garantia dos direitos quilombolas e as políticas públicas de ação afirmativa: limites e desafios.** 2010, 55p. Monografia (Especialização em Democracia Participativa, República e Movimentos Sociais), Universidade Federal de Minas Gerais, Brasília. Disponível em: <http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Roberta%20-%20Final.pdf> Acesso: 22/05/2014

APÊNDICE

Entrevistas

Nome: _____ Idade: _____

Origem: _____

Profissão: _____ Estuda: () Sim () Não

Grau de Escolaridade: _____ Instituição: _____

1. Há quanto tempo vive na comunidade?

2. Em relação aos anos vividos até aqui quais mudanças foram percebidas?

3. O número de jovens tem reduzido na comunidade? Por quais razões?

4. Em relação aos idosos, eles permanecem na comunidade, uma vez que a violência nos sítios tem aumentado? Estes passam seus costumes e tradições aos mais jovens?

5. Quais manifestações são realizadas na comunidade ao longo do ano?

6. Tem alguma história, conto ou relato da juventude de alguma situação vivida no lugar em questão?

7. Quais atitudes são tomadas para preservar os costumes locais em meio a influência da tecnologia na vida das pessoas?